

TRAVESSIAS DO ATLÂNTICO: MATERIALIDADE, MOVIMENTOS CONTEMPORÂNEOS E POLÍTICAS DE PERTENÇA

12 Março 2015

Comentário : “Dados quantitativos e análise dos média: dos números aos discursos sobre os mesmos” Análise dos Media | Diana Tomás (ICS-UL) e Milena Freire (UFSM)

Filipa Subtil (ESCS-IPL)

A análise dos *media* relativamente ao tópico das migrações, apesar de, como foi afirmado, não ter sido uma dimensão central do projecto *Travessias do Atlântico*, é do meu ponto de vista fundamental para compreendermos o imaginário social que se vai construindo dos fluxos migratórios e do imigrante/emigrante em particular. E é-o por duas ordens de razões:

- 1) Porque é através da comunicação humana que damos sentido ao mundo. A comunicação seja na sua dimensão de co-presença, seja na sua dimensão transmissiva, mediada tecnicamente, é consequencial, constrói a realidade onde vamos viver. Porque vivemos em realidades criadas pela nossa interacção, que é na sua essência comunicação, temos de pensar sobre o que queremos ou não queremos fazer com ela, melhor dito temos de pensar acerca das nossas capacidades de produzir consequências boas ou más, certas ou erradas, felizes ou infelizes (Rohtenbuhler). Daí que responsabilidade social dos media de massas não é algo que possa de todo ser negligenciado, uma vez que a imagem da realidade que nos é transmitida pelos media enforma as imagens e concepções que cada um de nós faz da realidade envolvente.
- 2) Porque os fluxos migratórios têm sido e continuarão a ser fenómenos de grande impacto social, que ilustram as contradições das sociedades globais em que vivemos, lançando desafios de enorme magnitude as nossas instituições e à vida colectiva. Logo, é de crucial importância uma comunicação pública que dê a conhecer o fenómeno na sua complexidade e que analise de forma ponderada os

desafios que se colocam. A comunicação e o conhecimento mútuos são o melhor ponto de partida para a convivência e integração (Aznar, 129).

Não se pense, todavia, que o interesse das ciências sociais e da comunicação por este tema é recente. Os estudos sociais sobre a problemática das migrações na sua relação com os *media* tem praticamente um século. Datam da segunda década do século XX os primeiros estudos sociológicos sobre o papel desempenhado pelo jornal das comunidades imigrantes na construção e reconstrução das identidades. Estou a referir-me em concreto aos sociólogos do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, que no contexto à obra pioneira de William I. Thomas e Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-1920), mas também e sobretudo ao livro *Immigrant Press and its Control* (1922) de Robert E. Park. das suas investigações pioneiras sobre a cidade, reflectiram amiúde sobre a influência do jornal na construção e reconstrução das identidades do “outro” que acabara de chegar. O interesse pelo “outro”, o “estranho”, o que vem de fora, é um tema que encontramos já em Georg Simmel no seu célebre ensaio “The stranger” (1908). O sociólogo alemão mostra como as formas espaciais (as fronteiras, os movimentos migratórios) estruturam a interacção social, ao mesmo tempo que as interacções sociais se manifestam elas próprias no espaço. Tal como o viajante, o estrangeiro é um *outsider*, mas de uma forma distinta do convidado que recebemos em casa, alguém com quem não partilhamos uma história ou cultura comum (aqui neste caso é diferente porque há uma história comum). O estrangeiro é um ser ambivalente, alternando entre dois grupos sem pertencer completamente a nenhum deles. Este conceito de Simmel foi depois retomado pelo conceito “marginal man”, cunhado por Park, em 1928 (“Human Migration and the Marginal Man” 1928). O “marginal man” é definido como um indivíduo sob a influência dois grupos étnicos distintos. Actualmente, este tipo de problemática está incorporada na discussão em redor do que se designa hoje nas ciências sociais de

“cosmopolitismo”. Um dos teóricos que melhor trabalhou recentemente este conceito foi Ulrich Beck. Para este sociólogo alemão, recentemente falecido, a vida moderna converteu-se num espaço de múltiplas e novas experiências que se vinculam por via da globalização. Daí que seja fundamental reconhecer as múltiplas identidades que coexistem em cada um de nós. A visão cosmopolita procura assim estabelecer um diálogo com as múltiplas ambivalências que ocorrem no mundo actual que se caracteriza por profundas contradições sociais e culturais.

Indo agora mais em concreto, à apresentação da Diana e da Milena, destacaria fundamentalmente duas dimensões que me suscitaram as algumas reflexões:

1) Dimensão da produção noticiosa e critérios de noticiabilidade.

Começaria por destacar o número de notícias: as notícias na imprensa portuguesa são muito mais numerosas do que na imprensa brasileira, apesar do tempo coberto ser menor...o que é já de si muito indicativo da importância do tema na sociedade portuguesa nos últimos anos. Seria muito interessante sabermos mais informações relativamente ao tamanho das notícias, aos géneros jornalísticos analisados e como se distribuem entre jornais de referência e aquilo que é designado por vós como imprensa popular. Estes dados permitiriam análises bem mais finas e complexas.

Como os estudos sobre *newsmaking* nos têm vindo prolificamente a mostrar desde pelos menos a década de 1970, a escolha dos temas a ser noticiados pelos órgãos de comunicação social não é aleatória. A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos, quer do ponto de vista da estrutura organizativa do trabalho nos órgãos de informação, quer da cultura profissional dos jornalistas, para adquirirem existência pública de notícias. Tudo o que não obedecer a esses requisitos é “excluído” por não se adequar às rotinas produtivas e aos canones da cultura

profissional. Ao não ganhar estatuto de notícia, essa informação não irá fazer parte do conhecimento do mundo adquirido pelo público através dos meios de comunicação.

Uma das componentes mais importantes da noticiabilidade são os chamados critérios de relevância ou “valores-notícia”: aqui incluem-se as características substantivas das notícias; o seu conteúdo; a disponibilidade de material e os critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência.

Na vossa análise detectam-se particularmente os três primeiros:

Nos critérios substantivos articulam-se a importância e interesse da notícia: neste caso concreto, e na imprensa portuguesa em particular (onde eu me vou centrar), as notícias sobre emigração dos jovens têm “impacto sobre a nação e são de interesse nacional” ou seja, são notícias geográfica e culturalmente próximas, que se referem a acontecimentos que fazem parte da esfera quotidiana da experiência dos jornalistas e do público, o que subjaz uma esfera partilhada de linguagem e pressupostos comuns. Todos conhecemos jovens engenheiros, arquitectos, enfermeiros que emigraram. Acresce que os números destes fluxos são muito significativos - outro valor-notícia (“a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve”) de particular relevância na escolha noticiosa. É um fenómeno que nos últimos anos afectou um número significativo da população activa qualificada. Se o fenómeno da emigração da população portuguesa não é novo e nunca foi completamente estancado, como mostram os estudos nesta área, o que surge como novo é esta estar agora a afectar de forma massiva uma população jovem qualificada. É essa a mensagem que fica e fica tanto mais quando porque lhes é dada particular visibilidade comparativamente com a outra (a mão de obra não-qualificada). Como foi mostrado, no caso de histórias sobre emigrantes qualificados ocorre regra geral individualização da representação e auto-representação dando voz aos próprios. Já no caso dos emigrantes não qualificados, as notícias adivinham-se mais curtas, provavelmente com recurso à informação cedida pelas agências noticiosas, revelando pouco ou nenhum investimento investigativos. Os emigrantes são hetero-representados, não existindo menção

aos seus nomes nem a outro tipo de informação mais detalhada. As imagens são provavelmente de arquivo, onde surgem indivíduos surgem aglomerados não identificados.

- 2) Que tipo de imaginário colectivo as notícias sobre migrações e em particular os fluxos PT/BR ajudam a construir.

Uma análise mais fina, imagino eu, ajudaria a compreender ainda melhor que os media se colocam, regra geral, no lugar de “caixas de ressonância” que reproduzem, em grande medida, o discurso oficial de incentivo à partida dos últimos 4 anos das autoridades portuguesas. Aliás, como todos estamos bem recordados esse incentivo à emigração foi dado por membros do actual Governo, que aconselhou os jovens portugueses a sair da sua “zona de conforto” (Outubro 2011). Os media tendem a fornecer uma imagem idílica desta nova emigração, que já não parte descalça e munida de um mala de cartão para trabalhar na construção civil ou como *femme de menage* ou porteira em França e na Alemanha. Parte vestida, agasalhada e bem calçada, munidas dos seus diplomas universitários para um el dourado que os espera, visão depois reforçada por programas como os “Portugueses pelo mundo”. De fora da visibilidade pública e consequentemente do imaginário colectivo fica a maior parte das vezes o preço social e humano daquilo que não foi uma opção ou escolha individual ou familiar, mas uma necessidade decorrente da situação económica que o país tem atravessado. O preço de abandonar o país onde se nasceu e cresceu, onde estão as nossas raízes, onde ficam muitas vezes as famílias, os filhos pequenos, que acabam por se ver crescer à distância através do skype; o preço de se viver num contexto desconhecido, culturalmente adverso e desconfiado para com aqueles que vêm do sul, onde pela mesma dedicação e empenho se pagam salários diferentes a médicos portugueses ou gregos comparativamente com os autoctones, sejam eles alemães ingleses ou franceses. De fora ficam também os emigrantes não qualificados, que deixaram há muito de ser notícia relevante e continuam a partir para o Luxemburgo, onde engrossam os contingentes de desempregados, ou para Londres onde trabalham mais de 12 horas por dia, habitando em condições precárias com

salários que lhes dão para pagar pouco mais do que o quarto onde lhes coube viver.

Esta imagem que os media portugueses têm vindo a dar da emigração portuguesa recente é, do meu ponto de vista, muito pernicioso e até perigoso e merece ser pensada e repensada nas suas possíveis consequências.

Este facto afeta, não só as relações entre os que partiram e os que ficaram, como a produção e expressão do "nós" e do "outro" e as modalidades a partir das quais a migração "como processo" quotidiano é experimentado e objetificado